

REFORMAS URBANAS: ENTRE TENSÕES E CONFLITOS, O DESEJO DE CONSTRUIR UM NOVO OLHAR SOBRE A CIDADE DE AROEIRAS (1970-1990)

Aparecida Barbosa da Silva (1). (1)Universidade Estadual da Paraíba,
aparecidabarbosa20@gmail.com

Resumo

A cidade de Aroeiras, na Paraíba, ao longo dos anos que vão de 1970 a 1990, passou por um significativo processo de transformações urbanas. Paulatinamente, os espaços urbanos e o cotidiano da cidade foram ganhando outras configurações. Refletindo sobre tais aspectos, nosso trabalho consiste em uma proposta de análise sobre a recepção das reformas urbanas e as mais diversas impressões provocadas em seus moradores. A partir da análise dos relatos orais de memória, priorizamos refletir sobre como as memórias de diferentes moradores retratam reformas materiais, experiências vividas, nuances de uma cidade de pequeno porte. Para compreender as dinâmicas da cidade, destacando seus conflitos, suas tensões e suas modificações materiais e estruturais, assim como os impactos causados no viver urbano, a memória configura-se como um importante locus para compreender a experiência cidadina e, ao mesmo tempo, dar visibilidade a diversos olhares sobre o urbano. Atribuímos visibilidade a essas narrativas sobre Aroeiras, no sentido de compreender práticas sociais e culturais, ou seja, buscamos priorizar as formas de experimentar, vivenciar e significar o espaço urbano, ações que demarcam as especificidades de um processo histórico inscrito nas memórias de seus habitantes. Nesse sentido, acreditamos que as transformações acabaram por redefinir certos aspectos do urbano, sem, necessariamente, suplantarem os tantos costumes já consolidados, as práticas rurais e o ritmo habitual de uma pequena cidade.

Palavras-Chave: Cidade, Reformas, Memórias, Tensões e Conflitos.

INTRODUÇÃO

O desejo incansável de encontrar as marcas do passado nos inquieta, e, assim como um viajante, precisamos escolher os nossos caminhos, vislumbrar algumas trilhas, e nos embrenhar nos labirintos do tempo, munidos de algumas pistas que nos auxiliam na elaboração de interpretações sobre o passado de uma cidade, pensado a partir dos fios das memórias dos seus cidadãos, que nos auxiliam a tecer significações sobre as reformas urbanas e os conflitos e as tensões que a ela estão atreladas. Nesse sentido, a materialidade e a dinâmica de uma cidade dão contornos e atribuem formas ao urbano que também é configurado pelas ações de seus cidadãos.

Ao longo desta escrita, ganharão forma as configurações da cidade de Aroeiras, na Paraíba. Percebemos que, ao longo dos anos que vão de 1970 a 1990, aquela cidade passou por um significativo processo de transformações. Paulatinamente, os espaços e o cotidiano da cidade foram ganhando outras configurações. As reformas urbanas acabaram por redefinir certos aspectos, sem necessariamente suplantarem os tantos costumes já consolidados, assim como as práticas rurais e o ritmo habitual de uma pequena cidade, muito embora, gradativamente, os espaços urbanos e o cotidiano de Aroeiras tenham ganhado outras configurações.

Nesse sentido, as transformações são compreendidas como responsáveis por alterar a materialidade dos espaços urbanos e impactar o cotidiano, as sociabilidades dos homens e mulheres que vivem nas cidades. Abordar historicamente Aroeiras requer ainda considerar que a cidade, enquanto objeto de estudo, localiza-se em um campo de reflexão bastante amplo e complexo. Nos últimos anos, diversos estudos vêm sendo elaborados sobre a temática cidade, que é discutida a partir de vários olhares, e de diversas perspectivas historiográficas. Por isso, acreditamos que escolher refletir sobre o espaço urbano requer considerar essas múltiplas dimensões que permeiam os estudos sobre as cidades.

Diante de um território amplo, que permite muitas possibilidades de trabalho, escolhemos matutar sobre a nova configuração do urbano, atentando para o cotidiano, os conflitos e as tensões que permeiam as relações sociais de uma cidade de pequeno porte. Tratar desse processo envolve considerar a recepção das reformas urbanas e as mais diversas vivências e impressões provocadas em seus moradores, uma vez que, torna-se importante perceber como as memórias de diferentes moradores retratam reformas materiais, experiências vividas, nuances de um pequeno espaço urbano que oferece inúmeras possibilidades de interpretação.

METODOLOGIA

Para tanto, recorreremos aos relatos orais de memória. Deste modo, contemplaremos as tentativas de construção de um novo olhar sobre o aglomerado populacional que, à época, havia pouco se emancipara politicamente. Para tanto, enfatizamos que vislumbramos nas redefinições dos espaços, realizadas a partir de 1970, uma tentativa de suplantar essas mesmas práticas, expandir a urbanização e atribuir uma feição urbana a cidade. A história oral, enquanto metodologia de pesquisa, permite que nos embrenhemos no cotidiano de um espaço urbano de pequeno porte, vislumbrado pelo viés do olhar do morador comum, o qual, através dos seus relatos de memória, possibilita refletir sobre as transformações do urbano.

Interessou-nos utilizar as fontes produzidas para que seja possível refletir a respeito dos fios de experiências vividas no cenário em transformação. Nesta feita, valorizamos o indivíduo, o que contribui para uma história mais rica, tendo em vista o contato direto do pesquisador com os sujeitos (PRINS apud JUCÁ, 2003, p. 51). O argumento torna-se pertinente por considerarmos que [a] pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais expressos nas entrevistas; estas são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico), incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas – tradicionalmente relacionadas apenas a indivíduos – como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano (AMADO, 2006, p. 13-14).

Esse tipo de metodologia de pesquisa é de grande valia quando pensamos as mudanças de Aroeiras ao longo do tempo e as configurações que a cidade ganhou, após serem colocados em prática os desejos de construção de uma nova realidade social e visual. Os relatos das vivências elaborados a partir do presente são, assim, passíveis de análise e interpretação, como qualquer outro tipo de fonte. Nesse sentido, a elaboração de um roteiro prévio, os tipos de entrevistas, a relação mais viável de ser mantida entre o historiador e o entrevistado, a transcrição dos depoimentos, bem como a análise dos documentos e a autorização dos colaboradores para que suas falas sejam utilizadas constituem, todos, processos guiados pelos procedimentos metodológicos da história oral.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A memória dos depoentes possibilitou compreender as tensões sociais e como foram vivenciadas e significadas as reformas em Aroeiras, já que nos permite contemplar e elaborar reflexões sobre aspectos que não existem em outros tipos de fontes. Nesse percurso, vislumbramos

que as cidades também são constituídas e alteradas pelas relações que os homens estabelecem em sociedade. Os cidadãos também são responsáveis por formar e alterar o urbano. Então, a cidade é modificada pelas práticas cotidianas. Os seus moradores cotidianamente redimensionam os espaços, constroem territorialidades.

As relações que os indivíduos estabelecem entre si configuram-se espacialmente. São processos de subjetivação individual e coletiva e não relações funcionais do tipo uso ou relações de uso: aqui lugar de morar; aqui lugar de trabalhar; aqui lugar de circular. Estas seriam relações puramente funcionais; só que a cidade não é isso, ou não é só isso. Para além delas existe todo o processo de significação, de percepção e de construção dessa territorialidade. Então, uma rua, para além de ser um lugar onde se passa ou se deixa de passar, uma rua está carregada de história, está carregada de memória, está carregada de experiências que o sujeito teve (ROLNIK, 1992, p. 28).

As memórias sobre as reformas nos espaços urbanos estão atreladas às experiências vividas, às práticas de trabalho, às relações familiares, ao lazer, enfim, a ações que demarcam as territorialidades das cidades. Nesse sentido, comportando algumas poucas edificações, o pequeno povoado em formação ao longo da primeira metade do século XX preservou características eminentemente rurais. Esse povoado foi transformado em vila no dia 15 de novembro de 1938. Aroeiras, antes povoado de Umbuzeiro, nesse período passou à categoria de vila. É sabido que, nos idos da década de 1930, conservava uma fisionomia rural, com vegetação expressiva em muitos espaços do urbano, com vias de circulação empoeiradas, muitas casas e prédios insalubres, dispostos sem ordenamento urbano. Os moradores da cidade vivenciaram as configurações daquele espaço urbano.

Os relatos dos moradores significam a cidade como uma área predominantemente rural. Às vezes, nos parece que rememoram porções de um sítio e, não, uma área urbana. É importante também perceber que esses argumentos partem de agricultores muito ligados ao campo, às atividades agrícolas. Diante de tais aspectos, buscaremos apreender os significados proferidos pelos entrevistados, fazendo as devidas ponderações; pois não se pode deixar de considerar que a cidade é vista a partir de muitos olhares, responsáveis por construir diferentes significações.

A partir de 1970, esse cenário comportaria significativas transformações. Os lugares não seriam mais os mesmos, mudariam a sua essência (MONTE, 2010). As ruas de aspecto rural, as quais o senhor José Severino rememora com saudades, seriam modificadas. Ruas nas quais ele e outras crianças brincavam —levando carreira de boi brabo, tomando banho nas pedras das lajes, brincando no quintal de suas casas, nas quais as fronteiras físicas entre o público e o privado eram

pouco demarcadas. A saudade pode ser justificada pelo que a expansão urbana suplantou, sobretudo pela mudança nas relações estabelecidas entre os habitantes¹. Nesse sentido, contou-nos o citado entrevistado:

Eu me lembro da cidade como uma poesia. As ruas não tinham calçamento, nós brincávamos nessa rua [atual Avenida José Pedro de Melo]. O nosso carro era feito de lata de doce; carregávamos com caixas de fósforo, de sabugo, castanha. Nós vivenciávamos uma época maravilhosa, trocávamos nossa bola de gude por uma bola de meia, acreditávamos piamente em papai Noel. Pra mim, foi a melhor época da minha vida. Essas coisas se perderam, a cidade mudou, mas não melhorou, não desenvolveu, e essas coisas se perderam.²

O senhor José Severino alude à cidade de maneira poética, expressa sua afetividade e deixa transbordar a saudade das experiências que viveu. Utiliza expressões como paisagem poética, a cidade eu vejo como uma poesia||, para expressar que naquele espaço teria vivenciado um tempo mágico. Ademais, relembra a infância, configurando Aroeiras como um cenário maravilhoso de se viver. Acredita, diferente da grande maioria dos entrevistados, que, mesmo sem infraestrutura, a vida no passado era melhor. Rememora e expressa saudade, principalmente ao mencionar aspectos relacionados à sua infância. Destaca como brincava nos espaços e o que predominava na sua imaginação de criança. Desta forma, contou-nos em verso: “Meu carro era um caminhão/ Feito de lata de doce/ Como se a verdade fosse Puxada por um cordão. Na minha imaginação/ Tudo era realidade/ Que hoje virou saudade/ Na carga dessa ilusão”.

Assim, a falta de infraestrutura poderia ser um problema para os gestores membros da elite política local e para os moradores de maneira geral, que viviam na cidade. Os conflitos e as tensões poderiam permear o cotidiano, mas, para a criança que viveu sua infância nesse período, esses problemas não eram sentidos. A nossa hipótese é de que, por isso, a falta de urbanização não ganhe ênfase nas memórias dos moradores ao remeterem-se à infância. Nesse sentido, como afirma Bosi (2009) em seus estudos, nossa lembrança também está pautada nos lugares, e, quando há a alteração ou a destruição dessa materialidade, ocorre uma destruição dos vínculos que as mudanças abalam, mas que persistem em nós como uma carência (BOSI, 2009, p. 405).

Compreende-se, dessa maneira, que o urbano pode ser pensado em sua arquitetura, a partir do planejamento dos gestores, das práticas dos cidadãos e também como um espaço que provoca diversas memórias permeadas pelas experiências que cada pessoa vivenciou. Contudo, compreendemos que as reformas foram significativamente transformadoras. As áreas outrora

¹ Sobre o modo de vida urbano, ver: SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). O fenômeno urbano. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.

² José Severino da Costa Barbosa. Concedeu-nos entrevista no dia 21 de maio de 2013.

desocupadas foram integradas ao urbano, ganharam outras configurações para suplantarem as feições e as práticas rurais outrora existentes. Na década de 1970, se o feirante em um dos espaços das vias de circulação fosse acometido por algum problema de saúde, a cidade não seria acolhedora para lhe oferecer cuidados médicos. Não existia hospital. Era possível contar com a experiência de algum farmacêutico como era o caso de Zé Marinho, às vezes também chamado de Zé Mariano pelos entrevistados. Todavia, quando não era possível o diagnóstico, ou quando não se encontrava meios de tratar os doentes, sugeria-se a retirada imediata para Campina Grande, o que só valeria a pena em casos muito graves. Sobre isso, a senhora Severina diz:

Tinha que ir pra Campina. Passava quase o dia pra chegar lá, e, quando chovia, ninguém passava no riacho porque tinha a gangorra, e o pessoal ficava tudo lá, do outro lado do rio, esperando baixar. O que condiz com o depoimento de outro entrevistado: Ir para Campina, só se fosse muito rico, porque transporte não existia. Saíamos daqui de cinco horas, para ir a Campina Grande. Dez horas, se não chovesse, é que estávamos lá. Quando chovia era de uma hora da tarde. Depois, começaram a surgir os mistos, que eram os caminhões de duas cabines. Estradas não existiam. Meu pai comprou um caminhão e perdeu no riacho da gangorra. Esse riacho não passamos mais por ele, fica lá no chamado senhor Horácio Pereira [sítio Caracolzinho, situado no município de Gado Bravo]. Era por lá. Era uma ladeira de barro; quando chovia, era muito perigoso.³

O entrevistado enfatiza as dificuldades de locomoção, sobretudo para cidades relativamente mais distantes, como Campina Grande. O trajeto era realizado em caminhões, principalmente nos mistos de duas cabines, e era dificultado, pois não existiam pontes e rodovias asfaltadas, infraestrutura para os automóveis realizarem seus trajetos em um tempo menor. Ademais, o mau tempo e as condições climáticas, em geral, também contribuía para dificultar a viagem. Ao longo dos anos que vão de 1970 a 1990, a área rural transformou-se em uma rua calçada, preenchida por residências e uma unidade hospitalar é edificada. À frente de uma gestão que estava promovendo reformas em áreas que não possuíam traços de urbanidade, o gestor José Fernandes, para realizar reformas urbanas, também derrubou casas e indenizou famílias.

No entanto, diferentemente do que aconteceu nas cidades de médio e grande porte, a derrubada de algumas construções em Aroeiras foi pouco expressiva. Acredita-se que, em média, duas ou três casas foram demolidas quando serviços de calçamento estavam sendo realizados na antiga Rua dos Coqueiros, atual Rua Zeferino de Paula. Contudo, muito embora em pequena proporção, essa medida tornou-se necessária para concretizar os melhoramentos, o que não implica afirmar que as reformas não trouxeram tensões e não impactaram as sociabilidades urbanas. Compreende-se que os conflitos emergiram das reformas, pois as sociabilidades dos moradores

³ José Severino da Costa Barbosa. Concedeu-nos entrevista no dia 21 de maio de 2013.

sofreram alguns impactos, já que sua afetividade e suas relações de vizinhança foram afetadas por essas reformas dos espaços. Ao presenciarem a derrubada de suas residências, famílias precisaram abandonar o lugar onde viviam. A materialidade dos lugares foi destruída, assim como as suas vivências foram impactadas.

Refletindo sobre o que ora foi exposto, percebemos que a afetividade das relações de pessoas simples era pouco significativa diante das melhorias que a cidade passaria a comportar, dos melhoramentos que os serviços urbanos poderiam trazer para a vida da população. No entanto, não se pode deixar de mencionar que a urbanização e a expansão se processam lentamente, diferentes dos grandes centros urbanos do Brasil. Registrava-se, depois dessas melhorias, a presença ainda de habitações simples, insalubres, desalinhadas. No seu perímetro urbano de Aroeiras, o novo e o velho convivem, notadamente, ao longo dos anos que vão de 1970 a 1990. As novas espacialidades resultavam de desejos de atribuir infraestrutura e urbanização à cidade, pois se sabe que a prática de abertura de ruas e avenidas é norteadas por ideias progressistas de modernização. Porém, tendem a mesclar-se com o perfil do urbano que estão adentrando.

Nesse sentido, “Aroeiras têm muita história, né? Essa cidade tem muita história. A gente vai conversando e vai lembrando, e as coisas vão aparecendo. É! É história de um município, de pessoas que trabalham na agricultura e também tem seus divertimentos”.⁴ Sendo assim, também pretendemos lançar nosso olhar sobre as formas de viver e se divertir na cidade. Para tanto, buscamos contemplar as diversas relações relatadas e significadas por homens e mulheres que viviam e ainda vivem em Aroeiras. Assim, no que se referem aos conflitos para obter água, às questões que permeiam o dia a dia, aspectos referentes ao trabalho e às diversões ganharam ênfase nos relatos de memória dos moradores da cidade.

Quando eu vim morar aqui, em 1970... Antes eu residia em Massaranduba, no sítio. Eu fiz a casa aqui, mas eu continuava indo e voltando, ia para lá. Era trabalhando lá, no sítio Massaranduba. Eu ia e voltava todo dia. Eu tenho uma casa lá e botava roçado, cuidava do gado, ficava trabalhando lá, né? Porque eu sou agricultor, sempre fui, sempre trabalhei na agricultura. A mulher não gostava, não, até hoje não gosta, porque diz que a vida no campo é muito trabalho. Lá no meu sítio, nem rádio pegava. Mas eu gosto, gosto muito do trabalho.⁵

Personagens como o senhor Manoel Andrade podiam ser vistos morando e circulando pelas ruas de Aroeiras. Muitas das pessoas que viviam na cidade, à época, sobreviviam principalmente do trabalho na agricultura. Entre os anos 1970 e 1990, muitas transformações foram desencadeadas no

⁴ Manoel Francisco de Andrade. Concedeu-nos entrevista no dia 20 de outubro de 2013.

⁵ Manoel Francisco de Andrade. Concedeu-nos entrevista no dia 20 de outubro de 2013.

urbano, mas as demarcações das fronteiras entre o urbano e o rural continuaram fluidas. Permaneceram as dificuldades para separar esses dois espaços. Nesse contexto, a fim de sobreviver, muitas pessoas possuíam uma moradia no perímetro urbano e, com frequência diária, deslocavam-se até as áreas rurais, para trabalhar na agricultura. Mesmo diante da dificuldade dessa demarcação de fronteiras em uma cidade com uma população eminentemente pobre, os moradores compreendem que viver na cidade, em muitos aspectos, é diferente das formas de viver no sítio.

A zona rural é significada como um local de muito trabalho e de um modo de vida mais isolado. O espaço urbano é compreendido como mais propício a interações, a relações de sociabilidade. A comunicação nos parece ser mais fácil, diferentemente do que ocorre nas comunidades rurais, mais isoladas à época. Separar os espaços delimitados como perímetro urbano e áreas de sítio é estabelecer uma separação entre algo tão próximo e que, na nossa compreensão, pouco se diferencia, mas apresenta-se como distinto nos relatos dos entrevistados. Do ponto de vista destes, viver na cidade é diferente de viver na zona rural, pois percebem um modo de vida urbano nas relações que estabelecem, ainda que tenham o seu cotidiano permeado por elementos rurais, como o trabalho na agricultura, como é o caso do senhor Manoel Andrade.

Nos relatos de memória desse entrevistado, ao remeter-se à questão do trabalho, é recorrente as memórias que versam sobre a agricultura como um dos principais meios de sobrevivência dos moradores. Compreende-se que, em Aroeiras, no recorte temporal outrora já anunciado, trabalhava-se muito nesse tipo de atividade, agrícola. Nesta mesma perspectiva, o senhor Manoel Andrade falou-nos sobre as atividades nas quais os moradores trabalhavam e, assim como os demais entrevistados, destacou o papel da agricultura e das criações de animais. Mas, a partir do seu relato, também percebemos o papel do comércio enquanto fonte de renda.

Ao ser indagado sobre os meios de sobrevivência, o senhor Gilberto Bezerra também enfatizou a importância da agricultura. Naquele contexto, no comércio não somente os fregueses eram agricultores e, em sua grande maioria, pessoas pobres, como também muitos dos que trabalham vendendo cereais e verduras eram agricultores, que plantavam e, após colherem, iam negociar o que lucravam nos roçados. Escolhiam para vender mercadorias sobre as quais sabiam argumentar melhor, por conhecerem de perto. Escolhiam os produtos com os quais se identificam, com os quais lidavam frequentemente.

Na feira ou na agricultura, as pessoas mais pobres trabalhavam muito para conseguir o seu sustento, o pão de cada dia. Por isso, a agricultura, assim como o comércio, configura-se como importante para essas pessoas. Para muitas delas, o trabalho deve ter sido muito marcante na sua

vida. Sendo assim, acredita-se que a feira se configurava como um espaço de conflitos, de sociabilidades, sobretudo para as pessoas mais pobres, que trabalhavam muito e, devido ao tempo dedicado a essa atividade e aos seus poucos recursos financeiros, desfrutavam de poucos espaços de sociabilidade. Nessa perspectiva, o trabalho ocupou um espaço de tamanha relevância na sua vida que as lembranças sobre as vivências na cidade estão permeadas por esse sentimento.

O trabalho teria sido tão importante e ganha tanto destaque em sua narrativa, ao ponto de ser lembrado com intenso saudosismo. Essa senhora lembra o trabalho como algo tão imprescindível para sua vida que o não trabalhar mais é uma situação expressa com muita dor. Compreende-se que essa mulher dedicou grande parte de seu tempo a uma atividade árdua, muito cansativa. A sua vida foi marcada pelo trabalho, e ela não consegue se dissociar das lembranças dessa atividade. Percebe-se então que, naquele contexto urbano, de muitas privações, os moradores carentes tendem a valorizar o trabalho, associam-no a virtudes como a honestidade. Assim, o viver urbano da cidade de Aroeiras está muito ligado ao campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, então, que a cidade de Aroeiras era pouco configurada enquanto espaço urbano. Muito pequena, com poucas ruas urbanizadas, empoeiradas ou lamacentas, cercada e cortada pelo curso das águas dos riachos, enlameadas, com ruas de chão batido que sediavam momentos lúdicos à porta da casa de seus moradores, em sua grande maioria pessoas que sobreviviam da agricultura familiar presente no município até os dias atuais. Também comportava habitações simples, que compunham uma paisagem de dias tranquilos, de ritmo habitual; um modo de viver que ousamos dizer: pouco se aproximava de um estilo de vida urbano.⁶

Nas proximidades da Rua Antônio Gonçalves (antes Rua Grande), mais precisamente na atual Rua Carlos Pessoa, onde estava situada a casa do entrevistado Manoel Andrade, era possível ouvir o barulho do motor de algum carro que, eventualmente, passasse pelas vias de circulação, pois de dentro de sua residência se ouviam, frequentemente, os passos de mulas e jegues, o som de muitos animais relinchando. O senhor José Fernandes – morador da cidade, gestor por duas vezes no município – contou-nos que grande parte da população de Aroeiras se locomovia, predominantemente, utilizando animais para o transporte.⁷

⁶ Sobre o modo de vida urbano, ver: SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O fenômeno urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.

⁷ José Fernandes de Melo. Concedeu-nos entrevista no dia 12 de maio de 2013.

Contudo, na pequena cidade que comportara muitas carências, um ritmo lento de vida e ruas configuradas com muitos elementos rurais – como já mencionaram os relatos de memória dos entrevistados - algumas obras começaram a ser realizadas. Serviços de calçamentos, aberturas de avenidas, construções de pontes e edificações de praças alteraram a paisagem e as configurações do urbano. Ressaltamos que essas reformas se processariam através de um gradativo processo de transformações que, de forma lenta e gradual, promove a expansão da urbanização; possibilita que a infraestrutura se expanda da área central em direção às vias de circulação local.

Portanto, no presente trabalho, buscamos tecer considerações a respeito das configurações do espaço urbano, do cotidiano e das suas práticas, assim como das reconfigurações dos espaços — as alterações da paisagem que, na nossa compreensão, acabaram por redefinir as práticas cidadinas, pois impactaram o cotidiano nos modos de viver em Aroeiras. Para isso, recorreremos a experiências vividas por alguns cidadãos entrevistados, a diversos olhares que ressignificaram essa época, os quais permitiram vislumbrar aspectos de uma temporalidade transcorrida, apresentada e também significada pelos relatos de memória de pessoas comuns, pois priorizamos as significações daqueles que viviam no município.

FONTES

Entrevistas realizadas:

José Fernandes de Melo. Concedeu-nos entrevista no dia 12 de maio de 2013.

José Severino da Costa Barbosa. Concedeu-nos entrevista no dia 21 de maio de 2013.

Maria Amaro de Souza. Concedeu-nos entrevista no dia 13 de maio de 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena. **Fontes orais: histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, p. 155-233, 2010.

_____. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

_____. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Univ., 2002.

_____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Espaços entrecruzados na história: práticas de pesquisa e escrita. In: MONTENEGRO, Antônio Torres et al. (Orgs.). **Histórias: cultura e sentimento: outras histórias do Brasil**. Recife: Editora Universitária/ UFPE/ EDUFMT, 2008.

- MONTE, Regianny L. Memórias e (res)sentimentos em torno do processo de modernização de Teresina durante a década de 1970. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides. **Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras**. Teresina: EDUFPI; Imperatriz, MA: Ética; 2010.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano**, Estudos históricos, n. 16, Rio de Janeiro, p. 279-290, 1995.
- _____. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, v. 27, n. 53, p. 11-23, jun. 2007.
- ROLNIK, Raquel, História urbana: história na cidade? In: **Cidade e história**. FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de F. (Orgs.). Salvador: UFBA/Faculdade de Arquitetura. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, ANPUR, 1992, p. 27-29. _____. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SOUZA, Antônio Clarindo de. Apresentação: experiência moderna e cidades. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de; FERNANDES, Paula Rejane (Orgs.). **Cidades e experiências modernas**. Campina Grande, UDUFCG, 2010.
- SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O fenômeno urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.

